

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA  
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

ADELAIDE DA SILVA CARVALHO

**JUVENTUDE NEGRA E EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA IGUALDADE  
RACIAL E COMBATE Á VIOLÊNCIA**

Belo Horizonte, 2016

ADELAIDE DA SILVA CARVALHO

**JUVENTUDE NEGRA E EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA IGUALDADE  
RACIAL E COMBATE À VIOLÊNCIA**

Trabalho apresentado como requisito necessário para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola.

Orientador: Francisco André Silva Martins

Belo Horizonte, 2016

ADELAIDE DA SILVA CARVALHO

**JUVENTUDE NEGRA E EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA IGUALDADE  
RACIAL E COMBATE Á VIOLÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Francisco André Silva Martins

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Francisco André Silva Martins/ FaE /UFMG

---

Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus/ FaE/UFMG

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, sem Ele eu nada seria, Ele é meu guia, presente em todos os momentos da minha vida!

Aos meus amados pais (in memoriam) que não mediram esforços durante suas vidas para que eu chegasse até aqui, que falta sinto de vocês!

Aos meus amados filhos Karoline Kristhna Carvalho Soares e Lucas Soares Carvalho, pelo incentivo e por entender meus momentos de ausência, e ao meu marido Lindomar Soares por estar sempre por perto todas as vezes que necessitei de apoio.

Valeu a pena todo meu esforço. Hoje estou colhendo o que plantamos juntos. Essa vitória não é só minha, é de todos nós!!!

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de ingressar em mais um curso de especialização e ter me concedido a graça de concluí-lo.

À minha querida família que me apoiou nessa nova caminhada, proporcionando apoio, muito carinho e compreensão.

A toda equipe do Programa Ações Afirmativas na UFMG, pela oportunidade que me deram em cursar essa especialização.

Ao meu orientador Francisco André, pela paciência, sabedoria e pelas sugestões apresentadas, que muito me auxiliaram na elaboração deste trabalho que me trouxe até aqui.

Aos sujeitos dessa pesquisa, com seus depoimentos a respeito de suas histórias e aprendizados, me auxiliaram na escrita desse trabalho.

À escola estadual “Nair Mendes Moreira” por ter aberto as portas da escola de forma tão especial e acolhedora.

À minha amiga Gizele Miranda Silva, pelo companheirismo e amizade, que sempre estiveram presentes, ouvindo sempre com carinho minhas reflexões com relação a esse trabalho.

Enfim, agradeço a todos, que de alguma maneira contribuíram para a realização desse trabalho, muito obrigada!!!

## **RESUMO**

Esta monografia tem como objetivo mostrar a análise das práticas pedagógicas desenvolvidas em um projeto de uma escola estadual no município de Contagem. Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando como técnica de coleta de dados a observação participante e o diário de campo. A pesquisa analisa as práticas pedagógicas baseadas na Lei 10.639/03 e como essas novas práticas contribuem para instituir a obrigatoriedade do Ensino de História e cultura afro-brasileira nas escolas. As práticas escolares desenvolvidas foram direcionadas para o aprendizado dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, por meio do qual foram convocados a construir seus conhecimentos a partir de suas próprias reflexões, desempenhando papel muito importante nesse processo.

**Palavras-chave:** Educação, Juventude, Lei 10.639/03, Violência.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	08
1. O tema da pesquisa .....	08
2. O projeto da escola .....	10
3. Caracterização da escola .....	13
4. Metodologia.....	15
CAPÍTULO 1	
JUVENTUDE E VIOLÊNCIA .....	17
1. Caracterização da juventude negra .....	17
1.2 Os impactos da violência na juventude.....	18
CAPÍTULO 2	
ANÁLISE DO PROJETO ESCOLAR.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	37

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### 1. O tema da pesquisa

Esta investigação representa o trabalho de conclusão do curso de Especialização em Promoção da Igualdade Racial da Faculdade de Educação da UFMG. O presente trabalho tem como foco a análise do Projeto Equidade-Juventude Negra, desenvolvido numa escola estadual no município de Contagem, Minas Gerais, acerca das estratégias desenvolvidas nos níveis fundamental e médio para o enfrentamento ao racismo e combate à violência contra a juventude, sobretudo, a juventude negra. O projeto foi idealizado a partir dessa demanda, com uma tendência inovadora e ações pedagógicas que possibilitaram aos jovens a discussão sobre o tema, a interação com os demais colegas além de ampliar o conhecimento acerca da cultura e história africana. Desse modo, o projeto englobou diversas áreas do conhecimento, como Língua Portuguesa, História, Arte, Geografia, Matemática. Portanto, possuiu um caráter interdisciplinar, permitindo, dessa maneira, trabalhar com várias disciplinas e um mesmo tema, proporcionando assim, enriquecimento aos estudantes e profissionais da escola.

Acho relevante mencionar que meu interesse em pesquisar esse tema surgiu a partir da minha proximidade e de observações feitas com esses sujeitos no 1º semestre do ano de 2015. Essa proximidade com esses estudantes se deu no momento em que me foi proposto a pedido desse curso de especialização para realizar a seguinte Atividade de Sensibilização: “Deu no jornal” – Veja a notícia abaixo publicada no Diário de São Paulo em 2013. Em sua opinião a Polícia Militar realiza mais “batida” em pessoas negras? Por quê? Converse com pessoas de seu círculo de convivência brancas e negras e pergunte quem já sofreu “batida” policial e como foi essa experiência.

Desse modo, foi nascendo meu interesse em pesquisar as práticas da escola na perspectiva da Lei 10.639/03 e de que maneira essas práticas iriam contemplar os estudantes. Ações de combate ao racismo, à violência, ao preconceito racial e social, precisam fazer parte do mundo desses estudantes e essas questões fazem parte da demanda deles.

Essa pesquisa, portanto, envolve uma análise das atividades desenvolvidas na escola e como essas atividades contribuíram para a reflexão desses estudantes acerca do racismo, do preconceito, da discriminação racial e, principalmente sobre a violência contra os jovens que vem crescendo assustadoramente nas últimas décadas.

Em face deste quadro alarmante, surgiram várias inquietações que me fizeram escrever sobre a violência contra a juventude brasileira. De acordo com o Mapa da Violência de 2015 “entre os jovens de 15 a 29 anos, as mortes por arma de fogo passou de 4.415 vítimas em 1980, para 24.882 em 2012: 463,6% de aumento nos 33 anos decorridos entre as datas”. (WASELFISZ, p.21, 2015).

A promulgação da Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares dos ensinos fundamental e médio é o norte principal para a elaboração deste projeto, onde articula o ensino e a aprendizagem do cotidiano escolar com as ações de combate ao racismo e ao preconceito, diminuindo a violência proporcionando a esses jovens espaços de diálogos, de acolhida, de autoconhecimento, autoafirmação da identidade negra, de participação social, e, sobretudo, lugar onde possam expressar e reconhecer a cultura negra. Portanto, é a partir da tomada de consciência das diversas culturas, que se constroem as identidades culturais enquanto processos de formação.

A proposta do projeto da escola pesquisada era fomentar uma participação efetiva da juventude negra na sociedade, de modo que pudesse realizar articulações que trouxessem elementos necessários para lutar pelas questões que implicavam a eles. É relevante essa participação para a aceitação e respeito a si mesmo e aos outros, além de leva-los a refletir sobre a vulnerabilidade à violência.

Deve-se pensar em como compreender os jovens que estão na escola. Como esses jovens devem ser vistos, ser tratados. Primeiramente, deve se pensar que são indivíduos com sua própria história, que possuem experiências, valores, princípios, diferentes visões de mundo, os alunos tem vontades, hábitos, sentimentos que lhes são próprios. Ainda, segundo (DAYRELL, p 1107, 2007) “*O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores*”.

Desse modo, os jovens devem ser vistos e tratados na perspectiva de que possuem experiências já vividas, histórias de vida e através dessas experiências, outras serão construídas.

Atualmente, há grandes debates em torno das questões sobre as relações étnico raciais e as práticas escolares de ensino e aprendizagem e têm adquirido grande visibilidade, fazendo-nos a refletir sobre as diversas teorias e práticas educacionais que levem os estudantes a pensarem e repensarem seus lugares no espaço social e a reduzir a criminalidade e a violência.

Nesta perspectiva, as práticas pedagógicas, as ações de combate ao racismo e a violência contra a juventude negra, foco dessa pesquisa, são direcionadas a reforçar e auxiliar a prática pedagógica no cotidiano escolar e transformar essas práticas em ações que esses jovens levarão para outros ambientes da sociedade a qual estão inseridos.

É nesse cenário que os jovens negros hoje carecem de espaços de socialização, de convivência, de pontos de referências para construção de sua identidade, de afirmação e de pertencimento a certo grupo étnico.

## **2. O projeto da escola**

O Projeto Equidade sobre a Educação para as Relações Etnicorraciais foi criado para o Baobá- Fundo para a Equidade Racial no âmbito da Lei 10.639/03. Nesse sentido, o projeto buscou ampliar a construção de conhecimento, promovendo ações que viabilizem a efetivação de práticas pedagógicas educacionais que levassem os estudantes a superação de práticas racistas.

Tendo em vista esses problemas e a partir da implementação da Lei 10.639/2003, diversas ações foram pensadas para construção de práticas pedagógicas capazes de subsidiar uma educação antirracista. O projeto denominado Equidade - Juventude Negra, foi escrito por um grupo de quatro professores, contou com o financiamento do Banco Unibanco e com a colaboração dos demais professores da escola. Contou ainda com o apoio dos diretores, coordenadores e demais profissionais da escola, com o intuito de promover a equidade e combater o racismo, a violência, construir bases para a tão almejada equidade, e para tanto, o projeto pretendeu construir caminhos mais direcionados, eficazes e urgentes.

Considerarei, no entanto, relevante apresentar os possíveis obstáculos do projeto:

- Questões morais e religiosas dos docentes, somadas à falta de reconhecimento e aceitação da identidade negra;

- Desconhecimento da Lei 10.639/03 por parte dos docentes.

A construção de uma proposta pedagógica para trabalhar as questões raciais no ambiente escolar, deve ser realizada coletivamente, sendo pensada para construir relações de respeito e aprendizagem, reconhecer direitos e a diversidade social, étnica e cultural dos educandos.

Portanto, pesquisas relacionadas às questões raciais e educação apontam a existência de práticas pedagógicas realizadas por educadores individualmente, comprometidos com a temática e preocupados com a questão racial. No entanto, esse trabalho feito individualmente, compromete a sua continuidade e socialização. (GOMES, 2012).

Diante dessa realidade, o que nos leva a refletir sobre a educação para as relações étnicas raciais e a lei 10.639/03 é que não somente a lei tem de existir, mas também deve ser desenvolvida coletivamente, com práticas pedagógicas, mas também com práticas de relações humanas.

Ainda de acordo com GOMES (2012), essas práticas são contraditórias, enquanto algumas escolas estão bem empenhadas na questão e mobilizam todos no ambiente escolar, ainda é possível encontrar escolas e educadores, a se auto definirem como realizadores de práticas pedagógicas na perspectiva da lei, mas que no seu cotidiano escolar, ainda agem em desacordo com os princípios legais e curriculares dessa referida lei.

A proposta do projeto é promover a participação efetiva da juventude negra na escola e, conseqüentemente na sociedade, de modo que possa realizar articulações para a construção de caminhos que possibilitem a superação das desigualdades sociais, raciais e culturais existentes entre brancos e negros.

O projeto contou com o apoio de todos os profissionais da escola, pois à medida que o projeto ia avançando, o envolvimento também foi ficando cada vez mais intenso. A dedicação em colocar em prática as ações e discussões que estavam no papel despertou o interesse de todos. Portanto, os objetivos a serem alcançados foram:

- Incentivar a leitura dos alunos;
- Identificar autores da Literatura Brasileira de origem Africana e da diáspora;
- Incentivar a escrita dos alunos sobre a produção Africana e Afro-Brasileira;

- Desfazer a mentalidade racista e discriminatória secular, superando o etnocentrismo europeu;
- Conhecer a história do negro no Brasil, a partir de sua chegada aos navios negreiros até os dias atuais;
- Desconstruir com o estereótipo em imagens, documentários, mapas, mídias em geral e livros didáticos;
- Identificar as formas de representação e estratégias de sobrevivência da comunidade negra dentro e fora da escola, através da música e em palestras;
- Sensibilizar os alunos a respeito do preconceito velado em frases cotidianas;
- Mostrar a importância para a formação da identidade dos estudantes.

De acordo com os objetivos propostos e listados aqui, foram realizadas as seguintes atividades, que favoreceram a promoção de um olhar crítico a respeito do preconceito e da discriminação racial no Brasil:

- Trabalho com diversos textos literários africanos e brasileiros;
- Promoção de um concurso de poesias temáticas;
- Elaboração de Árvores Genealógicas;
- Visita a Comunidade dos Arturos;
- Criação de uma linha do tempo que contemple a história do negro no Brasil;
- Busca de frases feitas que apresentem o preconceito e a discriminação de forma velada;
- Produção de debates e discussões sobre a situação do Negro de ontem e hoje (seminário).
- Sensibilizar a comunidade escolar sobre os conceitos utilizados na prática escolar de preconceito, racismo e discriminação.
- Elaboração de um livro (revista) com as histórias, contos e poesias escritas pelos alunos;
- Exposição dos trabalhos realizados ao longo do ano;
- Análise quantitativa e qualitativa das informações;
- Cartazes, fotos, depoimentos, entrevistas e relatórios;
- Oficinas artesanais e danças;
- Exposição de frases feitas por toda a escola;
- Divulgar que a Escola trabalha a Equidade Racial.

Desta forma, minha participação se deu através das observações feitas no cotidiano da escola, que considereirei como sendo uma experiência fascinante e desafiadora. Fascinante porque é uma experiência envolvendo o ser humano, e esse é fascinante. Desafiadora no sentido de estar comprometida a envolver práticas pedagógicas para a formação humana.

Os jovens possuíam vários questionamentos e demonstraram enorme interesse em participar de um projeto que tinha como foco a juventude negra, bem como seus dilemas, anseios e preocupações. A participação dos jovens negros, inicialmente foi de maneira tímida, e ao passo que, as ações foram se intensificando, foi possível perceber o envolvimento e comprometimento dos estudantes. Muitos tiveram ali a oportunidade de discutir e refletir sobre a questão dos negros no ambiente escolar e fora dele também.

Na prática, com as discussões realizadas na escola, foi possível oferecer aos jovens, sobretudo, os negros, a oportunidade de reflexão sobre sua descendência, a resgatarem a autoestima, a conhecer as diferenças e a respeitá-las.

### **3. Caracterização da escola**

A escola Estadual “Nair Mendes Moreira” foi criada em 01 de fevereiro de 1957 através do Decreto nº 15901 pela Prefeitura Municipal de Contagem e em 1974 foi classificada como escola estadual. A escola fica situada no bairro Praia no município de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. A mesma atende a comunidade ao seu redor, e também a comunidade carente local denominada aglomerado da Vila Barroquinha. Próximo à escola está localizada a Comunidade Quilombola dos ARTUROS, que participa ativamente dos eventos culturais nos projetos pedagógicos, tendo, inclusive estudantes dessa comunidade que estudam nessa escola.

Atualmente a escola oferece o Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, sendo o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, o Ensino Médio do 1º ao 3º ano, e a EJA com os 1º, 2º e 3º períodos.

O horário de funcionamento da escola no turno da manhã é de 07h00min às 11h30min, atendendo o Ensino Fundamental e Médio. No turno da tarde, a escola

funciona de 13h00min às 17h30min, com o Ensino Fundamental, e no turno da noite de 18h: 10min às 22h: 30min, atendendo o Ensino Médio e 19h00min às 22h: 30min, EJA(Educação de Jovens e Adultos).

A escola “Nair Mendes Moreira” oferece educação em horário integral, através da formação e aprimoramento físico, moral, cívico, científico, cultural e sócio afetivo. Enfim, a escola tem se constituído democrática, respeitando a todos, principalmente no que diz respeito ao trato das questões étnicorraciais. Nessa perspectiva, a educação integral é aquela que contempla as diversas faces do desenvolvimento humano, sendo o ato de educar um modo de alcançar o desenvolvimento das habilidades do aluno e prepara-lo para exercício do seu papel de cidadão.

O Bairro onde a escola está localizada é afastado, situado entre os meios urbano e rural. O transporte público é precário no bairro, o que dificulta o acesso da população local a eventos culturais que acontecem nos centros da cidade, como teatro, cinema, dança e música.

A comunidade é carente de serviços de lazer e cultura, portanto, os alunos ficam ociosos fora do horário de aula, por esse motivo é pertinente que permaneçam dentro da escola no Projeto Tempo Integral-PROETI. O desenvolvimento integral do ser humano, nas mais diversas dimensões, esta é a proposta do PROETI. Inserido na escola em 2007 com o intuito de ajudar as famílias, além de tirar os jovens estudantes das ruas, auxilia-os nas suas dificuldades de aprendizagem, pois se trata de uma oficina de auxílio às dificuldades dos estudantes.

Nesse contexto e de acordo com a Série Educação Integral - Texto Referência para o Debate Nacional, da SECAD- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade /MEC (2009), a Educação Integral é denominada aquela que:

[...] é articulada a partir dos espaços escolares, por meio do diálogo intragovernamental e com as comunidades locais, para a construção de uma prática pedagógica que afirme a educação como direito de todos e de cada um. (SECAD/MEC, p.09, 2009).

Nesse sentido, o conhecimento construído a partir desses espaços escolares, tende a afirmar o direito à educação, à inclusão e a diversidade, tornando a escola espaço de cada um e de todos, além de ampliar a percepção dos estudantes sobre qual é seu papel no mundo e no lugar onde vive.

#### 4. Metodologia

Os dados que são apresentados a seguir foram coletados por meio da observação participante. De acordo com GIL (2008), esse tipo de pesquisa é realizado entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A observação participante, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. (GIL, 2008, p. 103).

Dessa forma, foram realizadas entrevistas com 10 (dez) jovens com idade entre 13 a 16 anos, do 8º ano ao 3º ano do Ensino Médio e com alguns professores diretamente envolvidos no projeto. Nessa análise algumas questões foram levantadas:

- Quais são as práticas pedagógicas para a educação das relações etnicorraciais na escola?
- Quem são os atores envolvidos no processo para a educação das relações etnicorraciais?
- A comunidade participa desse processo? De que forma?
- O que os jovens disseram a respeito das ações do projeto desenvolvido na escola?
- Quais são os avanços e o que ainda precisa avançar?

Para a coleta de dados, as técnicas que foram utilizadas para a elaboração da pesquisa são: Observações de campo, entrevistas, análise das atividades escolares. A observação de campo e a entrevista são técnicas utilizadas para coleta de dados, compondo um recurso de análise que permite maior clareza na descrição do trabalho (BANDEIRA, 2004).

Observações de Campo: permite ao pesquisador realizar uma análise do problema na situação em que ele se encontra, com os seguintes objetivos:

- Produzir uma descrição minuciosa dos componentes da situação, tais como: a forma como eles se relacionam com os outros estudantes, com seus professores;
- Identificar os conflitos nas relações interpessoais, e a produção de sentido que eles atribuem às interações;
- Identificar atitudes e comportamentos que esses estudantes têm diante da realidade.

Entrevistas: A entrevista com o aluno pode se tornar um instrumento importante para conhecer a percepção dos estudantes diante do projeto e os sentimentos deles em relação às possibilidades de superação, como ele se relaciona com os colegas e com adultos, quais são suas expectativas nos estudos, sua experiência na família e nas suas relações sociais.

A entrevista com os professores permitiu conhecer sua visão em relação ao projeto, e o que se percebeu foi um envolvimento intenso por parte deles. No entanto, alguns sentem certa insegurança quanto ao conhecimento da Lei 10.639/03. A resposta aos questionamentos da entrevista, mostrou que, embora alguns se sentiam desconfortáveis em relação ao trabalho com a lei, havia fortes intenções e boas orientações para desenvolver o projeto. Uma das professoras entrevistadas mencionou seu sentimento em torno dessa situação, o fato de não se reconhecer em um grupo étnico específico, segundo ela, faz com que não tenha identificação com a temática. Em contrapartida, há também professores, que veem nessa temática o mote para uma problematização da educação e da realidade social.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi o fato de que os professores viram no projeto, a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos a respeito do tema e, ao mesmo tempo trabalhar o processo de ensino e aprendizagem a partir do cotidiano escolar, tornando, a escola um espaço de diálogo e participação social.

Análise das atividades escolares: tiveram como finalidade conhecer, com detalhe, o nível de elaboração que os estudantes demonstraram em suas atividades, os materiais utilizados pelo professor, o sistema de correção. Esse é um procedimento que ajuda a complementar a observação de forma a fornecer elementos subjetivos dos estudantes e dos professores.

Na terceira fase foi aplicado um questionário aos jovens sobre os possíveis resultados do projeto, na visão deles, identificando como o projeto influenciou no dia a

dia dos estudantes, o que mudou e o que ainda precisa ser mudado, quais as contribuições das ações da escola para o crescimento pessoal desses estudantes.

Esta classificação possibilita maior clareza e organização na última etapa desta pesquisa, que é a elaboração do trabalho. Neste processo, serão identificados os possíveis comportamentos, desenvolvimento e avanços que os estudantes adquiriram durante o do projeto, bem como as possibilidades de continuidade do projeto.

## **JUVENTUDE E VIOLÊNCIA**

Em se tratando de uma análise da prática pedagógica que envolve um projeto específico, que trata das questões referentes à juventude negra presente em uma escola pública, faz-se necessário estabelecermos uma discussão que possa subsidiar nossa análise. Nesse sentido, buscamos dialogar com autores que pudessem no proporcionar caminhos para uma análise retilínea sobre o assunto.

### **1. Caracterização da juventude negra**

A juventude negra brasileira hoje é fruto de um processo histórico, permeado de discriminação, preconceito e violação de direitos constitucionais, que lhes são garantidos por lei, porém na prática, lhes são negados. A maioria desses jovens é oriunda de áreas em situação de grande vulnerabilidade social, sem as oportunidades que poderiam lhes garantir a autonomia e a inclusão social.

No Brasil, embora a CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988) assegure que somos todos iguais e que a cor da pele não pode ser usada como discriminação, essa não é uma garantia de efetivação da lei na realidade social. A população negra sofre com falta de oportunidades iguais, ou seja, se tornam invisíveis socialmente em função do racismo historicamente construído e perenizado em nossa sociedade.

As diversas juventudes estão atuando, construindo, produzindo e agindo. (OLIVEIRA & HERMONT, 2014 p. 14). Os jovens atualmente fazem parte da sociedade de várias maneiras, com diversos modos de ser e de fazer, ocupam vários espaços e deixam suas marcas intensas e profundas, agem com autonomia e são contestadores. No entanto, a condição juvenil, levando em consideração a classe social e a raça, vai incidir diretamente nas possibilidades e limites enfrentados pelos jovens.

Segundo DAYRELL (2007)

A juventude nas camadas populares enfrentam desafios, na condição de jovens, aliados a da pobreza, interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. (DAYRELL, p.1108, 2007).

No Brasil, a questão social sempre foi tratada sob a perspectiva da exclusão e discriminação e preconceito, sobretudo contra a juventude negra. Diante dessa situação, nos chama a atenção para as Políticas Públicas que especificamente dirigidas à juventude negra tem um caráter de ressarcimento do que lhes foi negado com o intuito de sanar a invisibilidade social vivida pelos jovens negros. Caminhando nesse mesmo sentido, dados de estudos da UNICEF (2012), nos permitem afirmar a existência de uma discriminação racial sistêmica:

Segundo estudo do UNICEF, um dos principais entraves para a universalização do acesso e da permanência na escola no Brasil é a discriminação racial. O mesmo estudo afirma que “todos os indicadores de acesso à escola e conclusão nos estudos mostram que as crianças e os adolescentes negros estão em desvantagem em relação aos mesmos grupos etários da população branca”. (UNICEF, p.14, 2012).

Com base nos dados apontados anteriormente, referentes ao acesso e permanência dos jovens negros nas escolas, observa-se que a condição étnico racial, socioeconômica e sociocultural desses estudantes contribuem para que essa parcela da população seja excluída do acesso a uma educação igualitária.

### **1.1 Os impactos da violência na juventude**

A violência é cada vez mais crescente no Brasil, e atinge principalmente a população jovem e negra. Os dados são alarmantes quando se trata da população jovem do sexo masculino. Esses jovens, em sua maioria, são de áreas de vulnerabilidade social, onde os serviços básicos como saúde, educação, trabalho são precários ou mesmo inexistentes. No entanto, vem crescendo as discussões sobre a juventude nos últimos anos e o que chama a atenção para esse diálogo é o fato da juventude, em especial, a juventude negra, estar na “linha de frente” das altas taxas de

homicídios do país. Ao nos debruçarmos sobre os dados estatísticos do Mapa da violência entre 2012 e 2015, podemos observar que:

Na década de 1980, os índices de homicídios entre a população jovem já se destacava pelo número elevado, e, sobretudo, em 2012 esses índices aumentaram ainda mais, chegando próximo a sua totalidade. Em termos percentuais, a proporção de vítimas do sexo masculino é ainda mais elevada, chegando a 94% para a população total brasileira e 95% para a população jovem, os negros são as principais vítimas dessas mortes. (WAISELFISZ, p.25-26, 2015).

Não se pode negar que mudanças têm acontecido de maneira a fortalecer a equidade racial, garantir direitos, emprego e renda. No entanto, há que se considerar que a consolidação dessas leis não garante a efetividade de sua aplicação e demandam a construção de caminhos possíveis e eficazes para que de fato a população negra saia da situação de vulnerabilidade em que vive.

O crescimento da violência entre os jovens negros e contra os jovens, coloca em questão o descaso em que a juventude foi submetida durante muito tempo. Como consequência desse funesto tratamento dado a juventude negra brasileira, fica evidente a reprodução das desigualdades sociais e raciais no que diz respeito à educação, renda, lazer e saúde.

Com a finalidade de garantir os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, discorre no seu artigo 14:

Art. 14. O jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social.

Nesse sentido, a lei garante direitos de trabalho e renda, formação e desenvolvimento profissional. Ou seja, os jovens devem ter suas demandas atendidas na sua totalidade, garantindo que sua integridade física e moral sejam preservadas. Porém, para que esses direitos sejam garantidos na prática, faz-se necessária intervenção e articulação dos diversos órgãos municipais, estaduais e federais.

Nessa constante luta pela igualdade de direitos e oportunidades, é bom lembrar que na história do Brasil os negros foram os grandes responsáveis por garantir meios de sobrevivência ao país, sobretudo, como mão-de-obra hegemônica durante muitos

anos. No entanto, isso não foi garantia para sua efetiva inserção social, assim podemos dizer de uma história marcada pelas dificuldades, precariedades, presenças e ausências socialmente construídas.

Se pensarmos que a escola pode de alguma maneira intervir para mudar esses dados, o desafio é de criar propostas de trabalho que possam articular teoria e prática pedagógica, de forma que, esses jovens possam participar ativamente da sociedade, e, sobretudo, conquistar direitos de igualdade, de participação social, política e econômica.

Nas últimas décadas, o poder público passa a enxergar a juventude com outros olhos. Esses atores passaram a ser percebidos como sujeitos que necessitam de direitos e precisam ser amparados pela lei.

## **ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA**

Os registros das atividades foram realizados através de fotografias, listas de presenças, relatórios, anotações no diário de campo, entrevistas (envolvendo os estudantes, professores, coordenadores e gestores educacionais), que me auxiliaram na elaboração desse trabalho. Sendo assim, as visitas a campo, uma vez que não trabalhava na escola, minha escolha em realizar a pesquisa nesse ambiente foi por causa da minha afinidade com o projeto elaborado. Para tanto, foram realizadas durante os meses de maio a novembro de 2015.

O trabalho pedagógico para as relações etnicorraciais realizado com a juventude no âmbito escolar possui desafios. Aqui é importante realçar que esses desafios se referem à diversidade, a inclusão, ao envolvimento dos profissionais da educação com a proposta escolar, os tempos escolares, dentre outros. Segundo (DAYRELL, p. 1123 2007) a escola é considerada “*como palco de tensões entre propostas inovadoras e tendências imobilistas*”, e essas propostas escolares devem contemplar e valorizar as mais diversas manifestações culturais juvenis.

Foi também um grande desafio para os docentes e demais profissionais da escola, a questão do tempo e espaço escolar para a socialização das propostas sugeridas e para o planejamento coletivo das atividades que seriam desenvolvidas. A falta de encontros frequentes com o coletivo impossibilitou que as ações desenvolvidas por cada docente fossem discutidas entre si, portanto, cada profissional realizou seu trabalho, sem que houvesse discussões para aprimoramento do projeto.

Os dados foram coletados nos momentos de socialização da Festa da Família e culminância do projeto. Nessa mesma oportunidade o questionário foi aplicado a 10 estudantes. O critério utilizado para a escolha dos estudantes foi o envolvimento desses em situações em que sofreram algum tipo de racismo e preconceito racial.

Desse modo, a aplicação do questionário foi para compreender melhor o que foi significativo para os jovens e a partir dessa análise pensar quais outras ações poderiam ser aprimoradas para contemplar as necessidades dos jovens em questão.

O projeto foi elaborado de forma a abranger as diversas áreas do conhecimento entre todos os anos do Ensino Fundamental, Médio e EJA, tratando da culinária, das artes, da literatura, da história e cultura africana, com intuito dar maior visibilidade ao trabalho com a Lei n °10.639/03. A escola optou pela incorporação do projeto ao seu Projeto Político Pedagógico, fomentando uma prática que contemplasse a Educação para as Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

O estudo das máscaras africanas permitiu a construção de um conhecimento em torno valores simbólicos contidos em cada uma delas, suas variações de acordo com as regiões do continente africano, sua utilidade de acordo com as cerimônias específicas, bem como uma ressignificação do legado africano ainda fortemente presente na realidade de jovens pertencentes a uma comunidade quilombola como os Arturos.

**Foto 1: Máscaras africanas confeccionadas pelos estudantes nas aulas de Geografia e Artes.**



**Foto 2: Cartaz elaborado a partir do estudo sobre os instrumentos musicais da Capoeira nas aulas de Artes e História.**

Nas aulas de história e artes, os estudantes aprenderam sobre a história da capoeira e como foi introduzida no Brasil pelos escravos que vinham da região de Angola na África. A capoeira foi uma das formas de resistência utilizada pelos negros para se proteger contra a violência que sofriam por parte da sociedade escravista. Temos também que ressaltar que essa dança, ou luta, mesmo após a proclamação da república, foi duramente reprimida, pois representava a perenidade de valores de uma matriz africana que a sociedade brasileira queria esquecer.

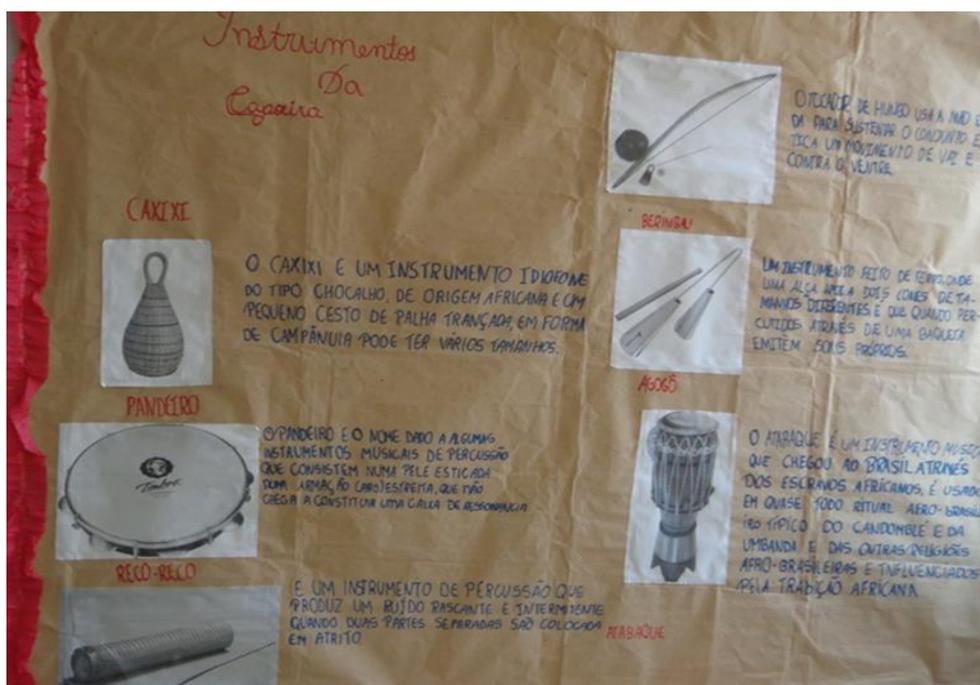
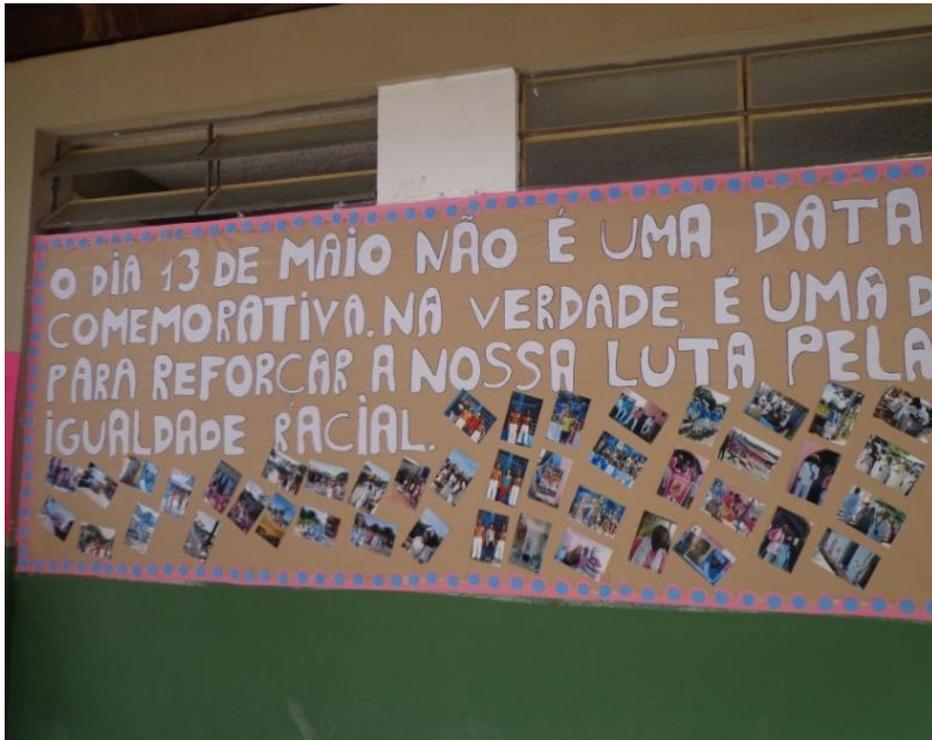


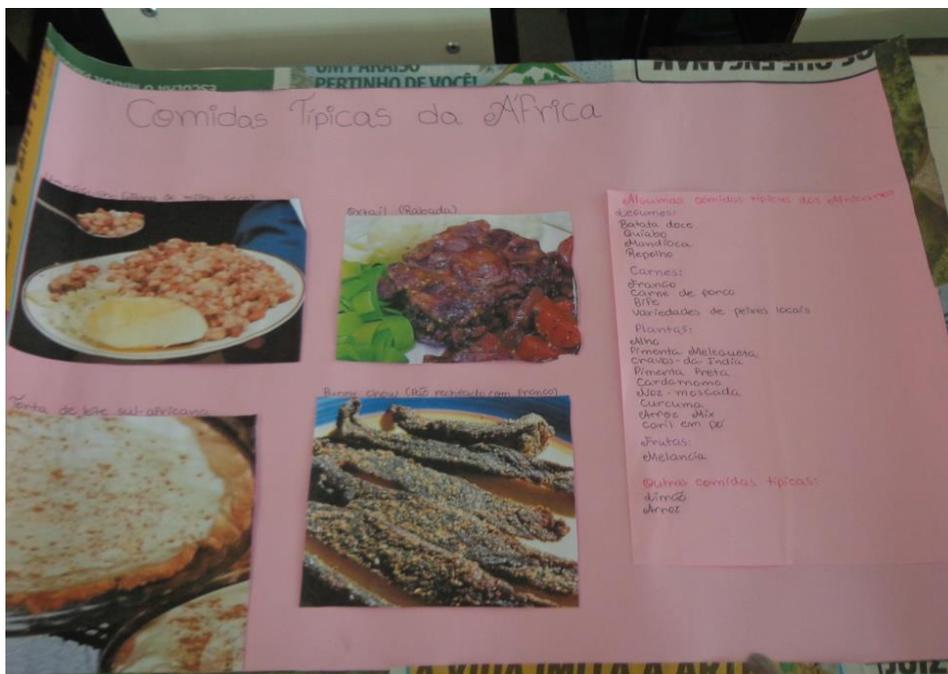
Foto 3: Cartazes confeccionados pelos estudantes e distribuídos pela escola durante a culminância do projeto.





**Foto 4: Contribuições da culinária africana, trabalho realizado nas aulas de História.**

Na culminância do projeto aberto à comunidade em geral, os estudantes ofereceram aos visitantes da feira a degustação da feijoada, comida típica de origem africana. Inclusive, tal ação envolveu a participação da mãe de uma das alunas no preparo do referido prato.



**Foto 5: Estudo do continente africano nas aulas de Geografia e História.**

O estudo da Diáspora Africana nas aulas de geografia e história possibilitou o conhecimento sobre o fenômeno da imigração forçada ocorrido nos países africanos. Os estudantes aprenderam que os africanos não vieram para o Brasil de livre e espontânea vontade, mas foram forçados, arrancados de suas famílias de maneira violenta para serem escravos num país distante.



## 6: A participação efetiva da Comunidade dos Arturos.

A escola fica localizada próxima à comunidade dos Arturos, por esse motivo seus membros participam ativamente das comemorações e festas escolares, contribuindo ainda mais para combater preconceitos, racismos e discriminações e oferecendo uma imagem positiva dos modos de ser negro em nossa sociedade.

Esses projetos escolares contribuíram para sensibilizar os estudantes sobre o racismo e suas consequências.



Os dados apresentados abaixo foram retirados do questionário em anexo, aplicado com dez (10) alunos do 9º ao 3º ano do Ensino Médio. O questionário foi aplicado na biblioteca da escola no fim do ano letivo de 2015. Desse total um estudante (1) se considera branco, 9 se autodeclararam pardos e pretos, totalizando nove (9) negros. Na conversa informal, sobre cor/raça, os jovens demonstraram certo desconhecimento em relação a sua cor/etnia. Tal situação nos dá a dimensão do quanto tais questões ainda estão distantes de nossa realidade educacional pública. Dessa forma, para melhor me debruçar sobre meus dados de pesquisa procurei dialogar com os atores envolvidos de maneira que suas histórias de vida se entrelaçassem com os significados e complexidades de suas trajetórias escolares.

Ouvir a narrativa de quem passou pela experiência do projeto foi significativo, pois tive uma ideia clara de como a escola pode trabalhar para transformar realidades. Nesses depoimentos e nas nossas conversas informais, esses jovens declararam que o projeto influenciou e os ajudou nas escolhas certas. Um ponto fundamental nessas conversas foi o reconhecimento da diversidade como algo positivo, o que gerou interesse e respeito às diferenças, essa experiência construiu e significou ou (re) significou vivências singulares. De acordo com Bondía:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, P.21).

Dessa forma, ouvir os estudantes a partir de suas experiências me ajudou sobremaneira e proporcionou a ampliação dos conhecimentos à respeito dos jovens pesquisados.

Quando questionados sobre a preocupação que tem com a questão da violência contra a juventude no Brasil, demonstraram inquietações e interesse na temática, suas respostas foram muito próximas:

A sociedade tem andado rumo ao caos, e a juventude está em evidência e ao mesmo tempo essa evidência gera dificuldades em relação às questões juvenis, como educação e trabalho. (Eduarda, 1º ano/ Ensino Médio<sup>1</sup>).

Diante desse depoimento da estudante Eduarda foi possível observar que os jovens se preocupam não só com a violência, que assusta a cada dia, mas também com questões sociais, como educação e trabalho. Nesse sentido, a preocupação de Eduarda é pertinente porque um país onde sua juventude, que muitas vezes saem do Ensino Médio sem uma formação adequada, sem muita perspectiva de futuro, a dificuldade de conseguir um emprego é eminente.

Reforçando as inquietações apresentadas pela jovem, os estudos realizados por Soares et alii(2002) revelaram que os negros continuam em situação de desvantagem

---

<sup>1</sup> Os nomes utilizados são fictícios no intuito de manter a privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

em relação aos brancos. Em termos de desemprego a diferença nas taxas entre negros e brancos deve-se quase exclusivamente à discriminação racial gerada no próprio mercado de trabalho. (JACCOUD & BEGHIN, 2002). Um dos estudantes entrevistados durante a pesquisa fez menção a situações já vividas, segundo o jovem em disputas no mercado de trabalho os negros são preteridos quando em disputa com os brancos. Ele inclusive me perguntou: Porque que todos os seguranças são negros? Tal pergunta nos sinaliza uma inquietação diante de uma realidade social que subalterniza os negros inviabilizando a possibilidade de ocupações de destaque. Inclusive, esse jovem que é negro, tem como objetivo cursar na universidade a faculdade de odontologia.

Outra questão que tem preocupado a juventude, sobretudo a juventude negra, é a violência. Essa questão torna-se ainda mais relevante se considerarmos que a comunidade na qual se encontra a escola é marcada por situações violentas como assassinatos, tráfico, dentre outras. Segundo uma das jovens entrevistada:

Preocupo-me com a violência, pois somos (os jovens) juntamente com as crianças, o futuro do país, é muito triste ver a mocidade se destruindo. (Camila 9º ano/Ensino Fundamental).

Outro estudante tratando da mesma temática nos disse que:

Nós, os jovens, somos o futuro do país, e se queremos algo melhor temos que cuidar da juventude, oferecendo oportunidades iguais. (João, 3º ano/ Ensino Médio).

Tais afirmativas, apesar de nos parecer ser lugar comum aos que se encontram nas periferias, foram destacadas pelos jovens entrevistados em função de viverem essa violência na pele, na rua de sua casa, na porta da escola, no seu bairro. A violência é algo que, de certa maneira, está sempre próxima. Diante de tais afirmações, podemos dizer que experiências singulares foram proporcionadas aos jovens por meio do projeto. Na prática os estudantes tiveram a oportunidade de conhecerem a história e cultura da África e dos afrodescendentes, através das artes, da culinária, da dança e também discutir sobre o racismo e o preconceito. Desse modo, foi possível, aos estudantes refletirem sobre a condição juvenil e suas dificuldades, como a própria violência, que é tão próxima e que a cada dia os deixam ainda mais preocupados.

Percebi que o projeto modificou o olhar desses jovens porque alguns pais relataram durante a culminância do projeto, que seus filhos tinham mudado o comportamento quanto aos outros colegas e que os que ficavam nas ruas depois das aulas, não achavam mais interessante ficar “*perambulando*” sem nenhuma ocupação.

Diante dessa realidade, foram questionados também sobre qual foi a contribuição social do projeto para eles, qual aprendizado trouxe e de que forma levou valores e informações à eles. Obtive as seguintes respostas:

O projeto teve a contribuição de melhorar a pessoa que sofreu o preconceito, pois ela se sente imprestável e com o projeto e as discussões, é possível se sentir um pouco melhor e pensar que tem pessoas que se preocupam com a gente. (Paula, 8º ano/ Ensino Fundamental).

Os estudantes demonstraram através de suas narrativas que o projeto ajudou a melhorar a autoestima, pois, tiveram a oportunidade de discutir e refletir sobre a questão racial e sobre o papel e a contribuição da população negra na sociedade. Tais experiências nos mostram caminhos para a construção de uma outra identidade negra possível, marcada pela positividade, pelo belo, pelo que deve ser mostrado e não escondido. É o que nos revela a fala desse estudante do 3º ano do Ensino Médio:

Através do projeto foi possível eu perceber que a sociedade é bastante diversificada, com muita divisão racial, e que ainda há muito preconceito, mas existem também maneiras de enfrenta-lo. (João, 3º ano/ Ensino Médio).

Nesse depoimento e nas nossas conversas, João um estudante que se autodeclarou pardo, teve sua melhor experiência escolar participando do projeto, porque ele teve a oportunidade de conhecer com maior proximidade, com reflexão, discussão, estudos e exposições de trabalhos sobre a história dos povos africanos, seus costumes e sua herança, Ou seja, na prática foi possível ampliar o olhar do estudante sobre a história e cultura afro-brasileira.

O estudo dos questionários e das entrevistas me permitiram através das respostas, compreender que o projeto obteve avanços significativos, isso ficou muito evidente nas narrativas dos estudantes. Quando questionados quais seriam suas melhores experiências na escola, relataram o projeto como sendo a melhor delas, pois: “ possibilitou conhecer e compreender que todos somos iguais”, “ conhecer novas culturas e também sobre o passado dos povos africanos e a realidade do mesmo”,“

participar do projeto Equidade Racial, que teve a duração de um ano e desenvolvemos belos trabalhos sobre o tema”.

Tiveram outro olhar sobre o continente africano, aprenderam que a África é muito mais do que fome e miséria, é um continente de belezas excepcionais e que usa as cores vibrantes em suas vestimentas para demonstrar a alegria de seu povo.

Essa incorporação do belo africano no cotidiano da escola permitiu aos estudantes a construção de significados em relação à construção e valorização identitária de cada um desses jovens. Deparei-me com indivíduos eufóricos por suas descobertas e percebi, no entanto, a importância do conhecimento e do aprendizado sobre as questões etnicorraciais para o fortalecimento de práticas de combate ao racismo, ao preconceito e às discriminações.

Partindo dessas narrativas vivenciadas pelos estudantes, concluí que foi uma experiência significativa para eles, despertou curiosidade, respeito, admiração ao tema tratado e orgulho da cor e da raça.

A proposta pedagógica do projeto escolar envolveu todos os estudantes dos três turnos. No entanto, com o término do projeto no ano letivo de 2015, não foi feito nenhum procedimento para avaliar se de fato o projeto conseguiu alcançar um número satisfatório dos envolvidos. Ou seja, será que todos os envolvidos se sensibilizaram realmente com a temática das relações etnicorraciais? Tiveram consciência da importância de estarem discutindo essa temática na escola para despertar mudança social?

Desse modo, a escola poderia ter traçado um parâmetro para avaliação final do projeto, por exemplo, um teste com os estudantes, propondo uma redação que chamasse a atenção para a diversidade, como forma de avaliar implicitamente como estava pensando esses jovens após o término do projeto. Sabemos que nem sempre todos são tocados, muitos apenas participam de maneira apática.

Outra questão que é interessante pontuar também seria sobre o material confeccionado estivesse exposto na biblioteca, à disposição para consulta e análise dos docentes, estudantes e demais interessados. Esses materiais foram produzidos por diferentes atores, tornando-se assim, material elaborado a partir de várias perspectivas e enfoques. A perda desses materiais implica consequentemente na inexistência de memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das atividades relacionadas ao projeto escolar, foi justificável perceber a relevância, o interesse e a participação de todo o corpo docente e discente da escola. Dessa forma, o trabalho com a temática sobre as relações etnicorraciais, sem dúvida, levou os envolvidos a uma compreensão mais ampla dos efeitos nefastos do racismo dentro e fora do ambiente escolar.

Por esses e outros motivos, conhecer a História da África e da Cultura Afro-Brasileira tornou-se marco importante para os estudantes da escola estadual “Nair Mendes Moreira”, pois tiveram a oportunidade de refletirem sobre novos questionamentos, novas experiências, o que os levaram a não se inquietarem.

Durante muitas décadas, os negros sempre foram representados nas mídias e nos livros de literatura e didáticos como escravos, pobres, empregados domésticos, cozinheiras e faxineiras, essa era a imagem que a maioria dos estudantes tinha de si mesmo. O projeto possibilitou que eles construíssem outras imagens para si e para suas famílias e antepassados. O uso dos cabelos alisados era comum entre as garotas, no entanto, ao final do projeto muitas dessas garotas já estavam usando os cabelos naturais, atribui esse fato ao empoderamento que tiveram de sua identidade e de sua cor.

Observando as narrativas dos estudantes e professores após o ano de realização do projeto, percebi o quanto é importante proporcionar um ambiente que seja possível estimular as diferentes formas de conhecimento. Através dos relatos sobre os avanços e desafios do projeto, tanto os docentes quanto os estudantes destacaram o importante papel das discussões em torno da implementação da lei 10.639/03 nas escolas.

Na prática, o projeto Equidade-Juventude Negra foram ações e atividades desenvolvidas pela escola que visaram proporcionar a expansão do conhecimento aumentar a percepção da educação para as relações etnicorraciais, amenizando

impactos negativos deixados por décadas de subjugação negra. Do mesmo modo, há que se considerar que essas ações escolares, precisam ser ajustadas conforme as realidades diversas que encontramos, e acima de tudo contemplar as necessidades dos jovens.

O projeto se encarregou de oferecer a esses jovens espaços de socialização, de convivência, de pontos de referências, para construção de sua identidade e de afirmação de seus direitos.

O trabalho realizado com a juventude no âmbito das camadas populares possui desafios. Aqui é importante realçar que esses desafios se referem à diversidade, a inclusão, ao envolvimento dos profissionais da escola com a proposta pedagógica do projeto, dentre outros. Segundo SPOSITO (2006):

Essa inscrição significa dar visibilidade e propor as políticas de juventude sempre subordinadas ao tema da questão social. Não é estranha, portanto, a reiteração das problemáticas da vulnerabilidade, do risco e da violência. (SPOSITO, 2006).

Propor políticas para dar visibilidade à juventude negra é tarefa urgente, porém para além dos desafios descritos acima, a questão social é preponderante. A escola tal como está organizada é insuficiente para dar conta da questão pedagógica e ao mesmo tempo social de seus estudantes. A escola não leva em conta a questão social do estudante, da sua vivência fora da escola, do seu meio social de sua origem.

A gestão escolar, preocupada com seus estudantes, a partir do desenvolvimento do referido projeto na escola, não mediu esforços no sentido de escrever um projeto escolar pautado na Lei 10.639/03. Com objetivo de enfrentar o preconceito o racismo, a discriminação, a violência contra os jovens, reduzir as desigualdades e oportunizar a esses jovens momentos de diálogos, reflexão diante das dificuldades enfrentadas, o projeto aconteceu ao longo do ano letivo de 2015, de forma interdisciplinar e envolveu todos os professores, das diversas áreas do conhecimento.

A proposta deste trabalho foi analisar um projeto escolar na perspectiva da Lei 10.639/03, com atividades sistematizadas e direcionadas á construção de valores e práticas sociais e vivências que os estudantes levarão para toda sua vida, dentro e fora da escola.

Escrever sobre o projeto escolar me possibilitou constatar que após várias discussões, explicações, leituras e estudos realizados durante o projeto, as atitudes

positivas em relação aos valores e éticos e estéticos foram contempladas, o que consequentemente gerou maior interesse por parte dos estudantes nos conteúdos desenvolvidos de forma interdisciplinar.

Nestas considerações finais, quero ressaltar a importância de a escola ter trabalhado o projeto Equidade- Juventude Negra na perspectiva da Lei 10.639/03. Ao implementar as ações pedagógicas que fizeram parte do plano de ação, a escola deu um largo passo rumo a efetivar e fortalecer a luta pela igualdade racial e de direitos.

Ainda que fossem percebidos avanços na implementação do trabalho na perspectiva da Lei 10.639/03, observei que alguns pontos ainda precisam ser analisados, como a ausência de planejamento coletivo, os profissionais da escola não possuem esse momento por não existirem os chamados “tempos pedagógicos”, ou seja, o tempo para o planejamento das atividades. Esses momentos são importantes para que todos os professores se encontrem e apresentem propostas de trabalho, articulem os objetivos às ações necessárias.

A experiência que vivenciei e as conclusões as quais cheguei nesse estudo apontam que, os jovens negros e negras estão vivenciando dentro e fora da escola situações de desigualdades, tanto racial, como social e cultural. Essa escola me permitiu perceber o quanto é capaz de fazer quando todos estão alicerçados numa ação coletiva para o desenvolvimento de seus educandos. Percebi que o tema abordado modificou o olhar de alguns professores. O que me fez analisar e reconhecer que a formação docente tem que transcender as questões pedagógicas. Talvez isso ainda seja uma utopia educacional. Ter participado dessa pesquisa nesse projeto escolar foi uma oportunidade de aprender que são necessários investimentos financeiros, mas, sobretudo, o investimento humano.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Marina. Definição das variáveis e métodos de coleta de dados. Laboratório de Psicologia Experimental. Departamento de Psicologia – UFSJ.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- - raciais e para o ensino da história afro-brasileira e africana. Brasília: SE-CAD/ MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. In: \_\_\_\_\_. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, 2005.

\_\_\_\_\_. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007  
Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Educação integral: texto referência para o debate nacional. - Brasília: Mec. Secad, 2009. 52 p.: il. – (Série Mais Educação).

GIL, Antônio Carlos Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GOMES, N. L.(Org.). Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639. 1. ed. Brasília: MEC/Unesco, 2012. v.1.

JACCOUD, Luciana de Barros Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental / Luciana de Barros Jaccoud e Nathalie Beghin. - Brasília : Ipea, 2002.

SOARES, Sergei et alii. Diagnóstico da situação atual do negro na sociedade brasileira. Mimeo. (texto preparado para a Fundação Cultural Palmares, 2002).

WASELFISZ, J.J. Mapa da Violência 2015: Mortes Matadas por Armas de Fogo. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2015.

## **ANEXOS**

QUESTIONÁRIO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA NA  
PERSPECTIVA DA LEI Nº 10.639/03.

ESCOLA ESTADUAL NAIR MENDES MOREIRA

Nome completo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Em que ano da escola você está?

( ) 8º ano ( ) 9º ano ( ) 1º ano/Ens. Médio ( ) 2º ano/E.M ( ) 3º /E.M

Qual é a sua cor/ etnia?

( ) Branca ( ) Preta ( ) Indígena ( ) Pardo ( ) Amarelo

Qual a importância da educação para você?

( ) Muito importante

( ) Moderadamente importante

( ) Nada importante

Com o projeto Equidade realizado pela escola ajudou a melhorar sua autoestima?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Quais foram suas melhores e piores experiências na escola?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Você se preocupa com a violência contra os jovens? Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Acredita que possa ser feito algo para diminuir a violência entre os jovens? O que?

---

---

Que profissão você pensa em exercer no futuro?

Você conhecia a história e a cultura da África antes do início do projeto?

Sim

Não

Sobre o projeto Equidade, o que você realmente gostou e por quê?

Qual foi a contribuição social do projeto Equidade para você?

O que você realmente aprendeu nesse projeto?

O Projeto foi desenvolvido de acordo com o que foi proposto? Em caso negativo, explique:

Com o projeto Equidade realizado pela escola ajudou a melhorar sua autoestima?

O projeto possibilitou você a refletir sobre sua identidade étnico-racial? Como?

Qual sua avaliação geral em relação ao projeto? Dê uma nota de 0 a 10.

Escreva suas críticas e sugestões de melhoria para o projeto.

---